

NOSSOS CLÁSSICOS | APRESENTAÇÃO

A DESCRIÇÃO DOS OCEANOS E DOS MARES COMO UM RAMO DA GEOGRAFIA MARINHA

José W. Morais Antunes de Sousa¹

École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS)
Paris, França

Enviado em 3 jun. 2022 | Aceito em 15 jun. 2022

Em outras traduções tivemos a oportunidade de apresentar ângulos da vida e da obra de Camille Vallaux (2015, 2017, 2021), mas esta é a primeira oportunidade que temos para mostrar um pouco do seu projeto intelectual pessoal – que porta sobre a descrição sistemática dos oceanos e mares sob a forma de uma classificação.

Tendo em vista a complexidade do tema, tivemos que conter por alguns anos o desejo de abordá-lo abertamente. Essa demora deu-se por um motivo muito simples, que faz parte de todo percurso de pesquisa: esperávamos encontrar uma *tribo* dentro da Geografia Brasileira na qual pudéssemos abrigar o tema e a discussão. Temíamos que esse tema fosse se estacionar nas rodas de historiadores e não nos ramos mais propícios para sua difusão, a Geografia Marinha e a Oceanografia.

Desse modo, foi crucial encontrar, primeiro, as entrevistas e, aos poucos, os artigos do prof. Dieter Muehe, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Estabelecemos um primeiro contato com o professor e apresentamos o projeto de traduzir os textos *L'océan Austral* (1926) e *La classification des océans et des mers* (1928), ambos de Vallaux. A resposta foi positiva, e devemos a ele esse trabalho coletivo em que cada um ficaria responsável por introduzir um dos textos. Em seguida, contatamos o prof. Rogério Haesbaert, do comitê editorial da GEOgraphia, que logo aceitou a proposta das traduções e de nossas introduções – que sairão neste mesmo número.

1. Doutorando pela École des Hautes Études en Sciences Sociales. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4429-0113>. E-mail: wmorais@ehess.fr.

A presente introdução está declinada em dois eixos: 1) o surgimento do interesse de Vallaux pelos estudos marítimos; 2) a função do artigo “O oceano Austral” no seu plano de classificação dos oceanos e dos mares.

Convém lembrar que para o presente texto mobilizamos documentação inédita dos arquivos do *Service Historique de la Défense, Ministère des Armées* (Vincennes), dos *Archives départementales du Finistère* (Quimper), dos *Archives Nationales* (Pierrefitte-sur-Seine) e dos arquivos pessoais da família Vallaux – todos localizados na França.

1

Camille Vallaux, *normalien* da turma de 1890, iniciou a sua carreira no Liceu de Brest em 1896, passando sucessivamente ao papel de docente de Geografia na Escola Naval (1901-1913) e a professor de Geografia Econômica na École des Hautes Études Commerciales de Paris (1920-1931). Ele participou ativamente dos principais debates públicos da sua época, como registram as revistas *Le mercure de France*, *Revue du Mois*, *Revue de Métaphysique et de Morale*, *Revue Politique et Littéraire*, *La Géographie* etc. Além disso, escreveu livros importantes, entre os quais *Les sciences géographiques* (1929), *La géographie de l'histoire* (1921), em colaboração com Jean Brunhes, e *Géographie générale des mers* (1933).

O surgimento do interesse pelas questões marítimas tem a ver com o início de sua carreira de professor. Bretão de adoção, Camille Vallaux tinha um contato cotidiano com o meio marinho. Numerosas vezes ele cita a baía de Brest em seus textos de juventude, mas essa influência não aparece no seu primeiro livro, *Les campagnes des armées françaises* (1899). Essa foi uma das principais críticas ao livro: a inexistência de observações sobre os conflitos marítimos durante as guerras napoleônicas. De fato, o mar não representava um objeto de interesse de Vallaux nessa primeira fase de sua vida.

Na verdade, esse interesse pelos estudos marítimos aparece no momento de sua entrada para o quadro de professores da Escola Naval, em 1901. Segundo Marc Levatois, no final do século XIX se opera na França uma reorganização da marinha francesa fundada sobre três pilares: 1) a renovação do programa de admissão; 2) recrutamento de novos professores; 3) a renovação da frota marinha (LEVATOIS, 2013, p. 444). Em 1990, Jules Alexandre Ingouf, à época diretor da Escola Superior da Marinha, decidiu formar uma comissão científica que se ocupou basicamente de reformular os programas escolares segundo as novas necessidades da Marinha moderna e, nesse momento, é criada uma nova disciplina na Escola Naval, a Geografia Aplicada aos Mares.

Além de recrutar novos professores, essa comissão foi encarregada de introduzir novas matérias no ensino dos oficiais e de suprimir ou reduzir os cursos já em vigor. Segundo o relatório de 23 de junho de 1900, a comissão era constituída de 13 membros, entre eles Émile Bourgeois, Henri Poincaré e Vidal de la Blache. No momento da conclusão dessa reunião, graças à presença de Vidal de la Blache, a Geografia foi uma das disciplinas retidas no programa escolar das escolas navais, que também adota o programa curricular por ele proposto (FRANÇA, 1901, p. 1).

Essa política procurou equipar a Escola Naval de laboratórios e de novos professores para que ela tivesse as mesmas condições de trabalho das universidades. É, portanto, nesse contexto que Vidal de la Blache e Bourgeois convidam Vallaux a ocupar o posto na Escola Naval:

Em 1900, o ministro da marinha J. L. Lanessan decide, graças ao incentivo de Vidal de la Blache e de Émile Bourgeois, criar na Escola Naval de Brest um curso de Geografia Geral aplicada ao estudo dos mares. Eu fui encarregado de dar esse curso durante doze anos. (VALLAUX, 1933, p. 7, tradução nossa)

De 1901 a 1913, Vallaux ensinou geografia aos jovens oficiais da marinha. Em 1907, sob a orientação de Vidal, Vallaux defende sua tese na Sorbonne, e a relação cordial entre eles permanece durante todo esse período. Nos arquivos privados da família Vallaux, encontramos uma carta de Vidal a Vallaux que marca as instruções gerais para um curso de geografia marinha². Reproduzimos pela primeira vez um trecho dessa correspondência:

Li com interesse sua carta. Ela renovou minha tristeza de ter perdido sua visita logo da sua última passagem por Paris. Fico feliz que o senhor tenha tomado gosto pelo ensino de geografia. Essa matéria que o senhor ensina pode se tornar efetivamente fecunda. Há nos oficiais da marinha uma curiosidade científica que é fácil e natural de orientar as questões de geografia geral.

É sobretudo, a meu ver, a ideia geral que o senhor deve utilizar nesse curso. Entendo muito bem a imprecisão do livro de Suez que o senhor destacou, cujo terceiro volume vai em breve ser traduzido para o francês: A ideia essencial para um ensino qualquer de geografia é aquela da unidade da Terra, da ligação e da relação dos fenômenos, e do sentido de organismo terrestre.

Não acredito que nesse curso deva ter uma parte mais desenvolvida para a etnografia; basta simplesmente estudar em qual medida o mar, as costas, as ilhas etc. — influenciaram sobre as ocupações e modos de existência, dispersão dos homens. Isso permite produzir reflexões, leituras e conhecimento geral.

Alguns livros, como a Antropogeografia de Ratzel (sobretudo o segundo volume), ou ainda sua *Völkerkunde*, ou sua *Politische Geographie*, mesmo que inferior em volume ao primeiro livro citado, lhe fornecerão fatos, sugestões e pistas interessantes para a reflexão. [...] (Carta de Vidal a Vallaux, 27 de setembro de 1901. Arquivos privados da Família Vallaux, tradução nossa).

É interessante ressaltar que Vidal orientava a tese de Vallaux durante esse período de ensino na Escola Naval. Após a defesa de sua tese, em 1907, Vallaux monta um curso e escreve artigos totalmente independentes da posição teórica e do posicionamento político de seu antigo orientador. Ao mesmo tempo que podemos encontrar em seus textos um diálogo com a obra de Vidal, podemos encontrar rupturas diretas e críticas, por exemplo a ideia de que podemos ver a Terra como um “organismo vivo”. Para Vallaux isso não passava de uma ideia confusa vinda da biologia evolucionista. Também podemos destacar que os livros *La Mer* (1908) e *Le Sol et l'État* (1911) marcam uma ruptura direta com o que era ensinado na Sorbonne, pois Vallaux era o único a abordar diretamente as questões de geografia política, assunto quase proibido em uma época preparatória para guerra³.

No que concerne aos estudos marítimos, devemos chamar a atenção dos geógrafos marinhos e oceanógrafos que começam a sentir a necessidade de conhecer ou visitar autores clássicos: não podemos difundir o erro anacrônico frequentemente cometido de buscar a origem dos métodos da geografia na obra de geógrafos canonizados, como Vidal e Martonne, muito menos de procurar uma filiação dos trabalhos marítimos de Vallaux na obra de seu antigo orientador de tese. Vidal e Martonne nunca desenvolveram trabalhos científicos sobre os mares e nenhum texto avulso publicado postumamente foi base de orientação teórica a trabalho algum na França. Esse costume de citar

² Agradecemos aos netos de Vallaux, que permitiram pela primeira vez a consulta dos arquivos.

³ Graças ao cuidado do ex-diplomata Jean-Pierre Villar, o livro *Le Sol* foi reeditado, em 2017.

esses autores canônicos vem de um modelo historiográfico expirado que procurou identificar filiações e priorizar correntes de pensamento como na abordagem histórica de Claval (1968) e Berdoulay (2008) em detrimento de temas dissonantes e de um pensamento crítico. Assim sendo, se há um patrono da Geografia Marinha na França, ele se chama Camille Vallaux.

Nos arquivos do Ministério da Defesa, preservados na biblioteca do Castelo de Vincennes (França), pudemos consultar o curso de Geografia Marinha de Vallaux para o ano escolar 1908-1909 (VALLAUX, 1909). Nele, constatamos que não havia basicamente nenhuma preocupação com a classificação dos oceanos e dos mares, ao contrário, o curso era estruturado nos seguintes eixos: geologia costeira e topografia do fundo submarino, correntes marítimas, história das descobertas científicas do mar, climas e formas de relevo costeiro. Naquela época, embora já houvesse uma significativa quantidade de dados, uma boa parte batendo exatamente com os dados atuais, percebemos alguns limites cognitivos do autor quando o assunto é a delimitação e a classificação dos oceanos. Um exemplo disso é a falta de nomenclatura para os mares do sul do Globo. Em várias partes do curso, Vallaux utiliza a expressão mares antárticos [*mers antartiques*] ou mares austrais [*mers australes*] para se referir às extensões marítimas da Antártica e nunca utilizava a palavra “oceano”.

Esse detalhe no léxico nos passava despercebido, mas com a evolução de nossa leitura sobre o tema, começamos a entender que aquele detalhe significava precisamente o limite cognitivo de toda uma geração de cientistas. Isto é, as grandes latitudes austrais estavam sendo ainda cartografadas. Foi somente no ano 1911 que o norueguês Roal Amundsen atingiu definitivamente a última latitude sul, encerrando assim o que ficou conhecido por “corrida ao Polo Sul”. Embora essa descoberta já fosse esperada, isso promoveu uma revolução cognitiva na percepção e imaginação das reais dimensões físicas dos oceanos naquela época. No que concerne diretamente aos oceanos, muito pouco ainda tinha sido explorado e poucos eram os dados coletados sobre o mar, pois os oceanos ainda eram tidos como grandes rotas de passagem para exploradores e caçadores de animais marinhos.

No final do século XIX, devido ao investimento dos países centrais em laboratórios, embarcações e equipamentos, iniciou-se uma nova fase na exploração científica dos oceanos. Barcos foram adaptados e equipados com aparelhos de coleta de dados e tripulação especializada para navegar durante anos em alto-mar com o objetivo de coletar informações e publicá-las em períodos científicos. É dessa época a famosa expedição oceanográfica Challenger (1872-1876), que publicou 52 volumes que encorajaram outras sociedades científicas a igualmente equipar embarcações – entre 1873 e 1906, 20 embarcações de diferentes nacionalidades foram enviadas ao alto-mar (VALLAUX, 1909, p. 85). Assim, vê-se claramente emergir uma nova percepção da Terra, fazendo jus às expressões como “alargamento da imagem do mundo”, de Frank Lestrigrant (2002, p. 5), e o que chamamos de “o sentimento de oceano”, em nossa tese em curso.

Devido à expedição Challenger e a todas aquelas que lhe foram posteriores, houve um aumento exponencial dos estudos científicos e do número de cartas náuticas de várias nacionalidades, difundindo uma multiplicidade de definições diferentes para os mares e relevos costeiros. Nesta perspectiva, Vallaux passa a se preocupar com a individuação dos oceanos, ou seja, a problemática era identificar os limites das extensões físicas das massas de água lá onde às águas se opunham formando mares e oceanos. Assim, ele estabelece como método identificar esses limites físicos através de dados fornecidos pelas correntes marítimas, direção dos ventos, migração dos bancos de gelo, temperatura, salinidade, piscoxidade, etc., para aos poucos montar um plano pessoal que ele foi chamando de “classificação”, surgindo daí o seu artigo sobre a definição de “oceano Austral”, em 1926.

Desse modo, podemos dizer que Vallaux desenvolve ao longo dos anos uma percepção do funcionamento dos fenômenos marítimos. Em nossa tese chamamos de “o sentimento do oceano” o progresso do entendimento sobre o globo; noutras palavras, é a evolução cognitiva do indivíduo construindo *per se* uma imagem do que é fisicamente a Terra; isso vem certamente aos poucos e em fragmentos para só na maturidade emergir na mente do indivíduo. Dito em outras palavras, o sentimento do oceano pode ser também a marcha do espírito em direção à contemplação dos espaços equóreos.

2

Em uma leitura de sobrevoo sobre os temas atuais da Geografia Marinha, constatamos que a classificação dos oceanos e dos mares não consta como um objeto de pesquisa nem na segunda metade do século 20 e nem está entre os temas abordados atualmente (MUEHE, 2020, p. 17 e 19; XIMENES NETO *et al.*, 2021, p.112). Isso pode significar duas coisas: primeiro, essa necessidade surgiu muito antes, quando ainda estávamos finalizando a cartografia do globo inteiro, e esse tema não se inseriu nos programas de pesquisa de geógrafos e oceanógrafos; segundo, essas classificações ainda podem estar sendo produzidas por empresas privadas e não constam nos circuitos de pesquisa. Desse modo, a releitura do plano de classificação de Vallaux atualiza esse debate.

A necessidade de uma classificação dos oceanos estava diretamente ligada à evolução da cartografia náutica e dos estudos oceanográficos. Ela remonta ao ano de 1845, quando a Sociedade Real de Londres reuniu um comitê para propor um esquema gráfico que representasse as massas marinhas. Naquela ocasião, foi retomada a proposta de Charles Fleurieu (1738-1810), que tinha elaborado os limites dos oceanos decalcando sobre os mares as linhas dos grandes círculos polares e traçando os limites sul de acordo com as bordas dos continentes. Em 1919, a Comissão Hidrográfica Internacional, com sede no Instituto oceanográfico de Mônaco, retomou essa discussão e, mais uma vez, esse esquema geral de Fleurieu apareceu com toda força. Essa discussão pode ser acompanhada no artigo *Classification des océans et des mers* (1928) e na introdução do Prof^o. Dieter Muehe, ambos publicados na seção Nossos Clássicos da GEOgraphia.

Sob os termos “demarcação” e “delimitação”, a classificação dos oceanos aparece pela primeira vez na obra de Vallaux no texto *La délimitations des Océans et des Mers* (1923), no qual ele discordava abertamente daqueles métodos da Comissão Hidrográfica Internacional e levanta a seguinte discussão: “Pode-se encontrar para os Oceanos polares definições físicas de conjunto (densidade das águas, correntes, gelos de deriva) que os opõem nitidamente aos outros Oceanos? Mas onde estão essas demarcações?” (VALLAUX, 1923, p. 204). Observemos nessa citação a utilização das expressões “Oceanos polares” e não mais “mares”, como em seu curso na Escola Naval.

Essa é a questão principal dentro do plano geral de classificação dos oceanos de Vallaux, isto é, identificar os limites entre as massas de água e daí criar uma representação dos quatro oceanos, Atlântico, Índico, Pacífico e Austral. Essa pesquisa de Vallaux fazia parte de um movimento geral de mudança da representação cartográfica e do imaginário sobre os oceanos. A partir dessa época, Vallaux passa a questionar a existência dos “mares antárticos” e investiga mais de perto a existência de um oceano autônomo no hemisfério mais aquático do planeta.

Se observarmos que a existência do *Southern Ocean* foi aceita apenas nos anos 1990, podemos imaginar o impacto da frase que abre o artigo de Vallaux:

Chamamos *oceano Austral* a imensa extensão marinha onde se encontram, ao Sul dos três continentes, as águas do oceano Atlântico, do oceano Pacífico e do oceano Índico. O oceano Austral não se confunde com os mares antárticos. Esses são caracterizados pela presença dos campos de gelo marinho da banquisa. Já o oceano Austral, diferentemente, se caracteriza pela ocorrência de gelos de deriva. Estes, por sua vez, são tanto de origem marinha (*floes* ou *floebergs*), como principalmente icebergs, de origem terrestre, que avançam bastante para o Norte. Pode se afirmar que a demarcação entre o Oceano Austral e os mares antárticos se encontra próxima à latitude de 60° Sul [...] (VALLAUX, 1926, p. 481)

No interior da obra de Vallaux, esse é o anúncio de um projeto ambicioso que poucos geógrafos empreenderam na época. O geógrafo alemão Gerhard Schott falava que era preciso estudar e se ater aos problemas de “um oceano especificamente”, era preciso considerar os oceanos “individualmente como uma unidade geográfica” (SCHOTT *apud* MUEHE, 2020, p. 16). Mas como poderíamos começar a identificar e observar essas unidades sem o auxílio de uma classificação? Esse era, sem dúvida, um dos principais objetivos científicos do plano de classificação de Vallaux: propor um quadro de organização dos fenômenos geográficos, encontrando seus padrões de extensão e seus limites. Daí a importância de se estudar não as correntes marítimas em si ou os relevos costeiros aleatoriamente, mas como esses fatos geográficos formam unidades físicas.

Desse modo, para delimitar o oceano Austral, Vallaux adotou os seguintes elementos: os ventos, as correntes de superfície e de profundidade, temperatura do ar e das águas, os gelos flutuantes, as marés e as rotas de navegação. Em sua demonstração, ele expôs detalhadamente os critérios e os limites latitudinais das ocorrências físicas.

De alguma forma, Vallaux estava tateando o que mais tarde passou a se chamar também zona de Convergência Antártica. Essa zona marca o encontro das águas muito geladas e densas que começam a mergulhar sob as águas mais quentes da região subantártica. Mas como já foi dito, o interesse real de Vallaux era identificar os limites das águas antárticas em direção às baixas latitudes. Para Vallaux, o anel formado pela derivação dos *icebergs* até à latitude 40° S. durante o verão austral era um primeiro indício do limite das águas antárticas, ou seja, do limite norte do oceano Austral (VALLAUX, 1926, p. 492). Ainda sob essa mesma latitude, ele constata que as águas começam a mudar de direção para o Oeste, assim como os ventos, o que seria outro indício direto desses limites ou contato entre o oceano Atlântico e o Austral. Esses limites sul e norte oscilam, mas nunca ultrapassam 40°, para o limite norte, e 60°, para o limite sul. Nessas latitudes, o encontro das águas de superfície e de fundo se faz sem a interferência de praticamente nenhuma forma de relevo costeiro e de fundo marinho, formando um movimento circular literalmente global.

No artigo *La Classification des océans et des mers* (1928), Vallaux volta a esse limite e fixa o norte do oceano Austral na latitude 35° S. Nesse sentido, os dois artigos estão alinhados, representando o movimento do pensamento do autor:

Após a dinâmica aérea, a dinâmica marinha de superfície se caracteriza por uma maneira particular desconhecida em outros lugares, por uma tendência das correntes de superfície em uma direção leste-nordeste dominante, onde entram, como compostos essenciais, a subida das águas frias em direção ao equador, empurrada por enormes icebergs e, do outro, os fortes ventos de oeste para leste. O limite extremo da deriva dos icebergs, em todos os lugares onde uma corrente de águas mornas não a empurra para o sul, aproxima-se das latitudes médias, não alcançadas pelas extremidades de dois dos três continentes. Escolheremos então o 35° lat. S. como base de referência para o limite norte do oceano Austral, sempre ressaltando que essa é uma escolha de conveniência que não implica uma

demarcação fixa: o limite real tem um caráter zonal, ele forma uma franja ondulada com oscilações sazonais.

Para o limite sul do Oceano, eu tinha escolhido, em um estudo precedente publicado nos *Annales de Géographie*, a latitude 60° S., com base no decrescimento gradual, em direção a essa latitude, das características dinâmicas enumeradas abaixo, e sobre o limite médio, segundo *Challenger*, da deriva dos gelos de origem marinha para o norte, durante o verão austral. (VALLAUX, 1928, p. 195)

Portanto, a originalidade do trabalho de Vallaux reside nessa busca por métodos para a sua classificação. Era um grande desafio para o autor difundir seu pensamento, pois, à época, o imaginário sobre o globo estava em plena transformação.

A medida que Vallaux aprofundava sua análise sobre os limites do oceano Austral, ele identifica imediatamente os limites sul dos demais oceanos. Há, portanto, uma função metodológica em descrever sistematicamente o oceano. Esse mesmo esquema se repete na organização do seu livro *Géographie générale des mers* (1933), em que o oceano Austral abre a demonstração:

A descrição dos Oceanos nos conduzirá sucessivamente do Oceano Austral, o mais ignorado e o menos humanizado de todos, ao Oceano Pacífico que a imensa extensão faz ainda dele um mundo pouco conhecido, depois ao Oceano Índico, onde nossos conhecimentos já são mais numerosos e a humanização mais antiga e mais avançada, e enfim ao Oceano Atlântico, hoje explorado em todos os sentidos ao ponto de ter tornado-se o verdadeiro mar interior dos povos civilizados. (VALLAUX, 1933, p. 89)

Esse projeto intelectual de Vallaux foi construído ao longo de seus anos de maturidade intelectual e podemos afirmar que ele foi o único geógrafo na época a aceitar o desafio de imaginar e pesquisar o que só recentemente seria aceito pela comunidade científica sob o nome Oceano do Sul ou *Southern Ocean*, nos anos 1990.

É curioso constatar que ele defende a existência apenas de quatro oceanos Atlântico, Pacífico, Índico e Austral. Ele não aceitava chamar “oceano Antártico” porque essa expressão levaria o nome do continente que não tem nenhuma ou quase nenhuma influência sobre a circulação das correntes marítimas da zona de convergência antártica. Ele defende também que o mar Ártico não tem extensão mínima para entrar na categoria de oceano, não passando, segundo ele, de um mar intracontinental ou mar interior. Essas e outras discussões podem ser acompanhadas nos dois artigos agora traduzidos e nos livros de Vallaux.

Teríamos também a dizer sobre aquilo que Vallaux apenas pressentia, mas não podia expressar em seus textos por falta de dados estatísticos. Em mais de uma passagem ele destacou o extermínio dos cetáceos e pinípedes pelos baleeiros e foqueiros para a produção de óleo. Entre 1925 e 1926, enquanto ele escrevia seu artigo, estavam sendo abatidas 5 544 baleias-azuis, 6 853 baleias-fin, 236 jubartes, 378 baleias-boreais e 29 cachalotes, equivalendo a 821 749 barris de óleo (HEADLAND *apud* KLINK, 2000, p. 66). Se os homens fizeram isso com os animais, imagine o que eles também fizeram com as palavras.

Para concluir, pensamos que a descrição sistemática dos oceanos e dos mares é um objeto da Geografia Marinha porque ela tanto coloca em debate os aspectos físicos que dão unidade às massas de água quanto pode servir como método de ensino na Educação Básica e Superior. Também gostaríamos de ter abordado neste artigo nosso curso “Geografia Marinha e a classificação do Oceano Atlântico” destinado às turmas de terceiro ano do Instituto Federal da Bahia, mas essa é uma discussão que vai além e ultrapassa bastante o objetivo deste manuscrito.

Bibliografia

- BERDOULAY, V. 2008. *La formation de l'école française de géographie (1870 – 1914)*. 3ème édition. Paris: CTHS.
- CLAVAL, P.; BARDY, J.-P. 1968. Pour le cinquantenaire de la mort de Paul Vidal de la Blache. Études d'histoire de la géographie. *Cahiers de Géographie de Besançon*, n°16, vol. 93.
- FRANÇA. 1901. *Instruction et programme pour l'admission à l'École navale en 1902 (11 décembre 1901)*. Service Historique de la Défense - Ministère des Armées, Chateau de Vincennes. Cota : SDH-Marine, VI – 7T 136. Paris: Imprimerie nationale.
- KLINK, A. 2000. *Mar sem fim: 360° ao redor da Antártica*. São Paulo: Companhia das Letras.
- LEVATOIS, M. 2013. *Camille Vallaux, la marine nationale et les débuts de la géographie maritime*. Approches de la géopolitique de l'antiquité au XXIe siècle. Hervé Coutau-Bégarie et Martin Motte (Dir.). Coleção da Biblioteca estratégica. Paris: Ed. Econômica.
- LESTRINGANT, F. 2022. *Le monde ouvert. L'Europe de la Renaissance. 1470-1560*. Gérald Chaix (Dir.). Paris: Éditions du Temps.
- MUEHE, D. 2020. *A posição da Geografia nas ciências marinhas*. In: MUEHE, D. (Org.). *Geografia Marinha: oceanos e cartas na perspectiva de geógrafos*. Rio de Janeiro: PGGM-UFRJ.
- VALLAUX, C. 2021. Sumário do livro *Les Sciences Géographiques*. *Terra Brasilis (Nova Série)* [Online], n. 15.
- _____. 2017. *Le Sol et l'État*. 2ed. Introduction de Jean-Pierre Villard. Paris : L'Harmattan, 2017.
- _____. 2017. Geografia. *GEOgraphia*, 19(39). p. 95-102.
- _____. 2015. As aspirações regionalistas e a Geografia. *GEOgraphia*, 17(35). p. 204-215
- _____. 1933. *Géographie générale des mers*. Paris: Félix Alcan.
- _____. 1928. Classification des océans et des mers. *La Géographie*. n. 3-4, t.1, set./out.
- _____. 1926. L'océan Austral. *Annales de Géographie*, ano 35, n. 198.
- _____. 1923. La délimitation des Océans et des Mers. *La Géographie*. t. XL.
- _____. 1911. *Le Sol et l'État*. Paris : Doin.
- _____. 1908. *La Mer*. Paris : Doin.
- _____. 1909. *Cours de Géographie générale appliquée à l'étude des mers*. École navale. Deuxième année d'études. Année scolaire 1908 – 1909. Brest : Autographie P. Gadreau. In : Service Historique de la Défense - Ministère des Armées, Chateau de Vincennes. Cota : SDH-Marine VI Z 201.
- VIDAL DE LA BLACHE, V. 1901. *Lettre à Camille Vallaux, 27 de setembro de 1901*. In: Arquivos privados da Família Vallaux.
- XIMENES NETO, A. R. et al. 2021. Geografia marinha: uma perspectiva histórica. *GeoUECE* (on-line). Revista de Geografia da Universidade Estadual do Ceará, v. 10, n. 18, p. 153-175.